

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MOEDAS HISPANO-ÁRABES DO MUSEU DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO.

LOSA, António

Ano: 1956 | Número: 66

Como citar este documento:

LOSA, António, Moedas hispano-árabes do Museu da Sociedade Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*, 66 (1-2) Jan.-Jun. 1956, p. 139-158.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Moedas hispano-árabes do Museu da Sociedade Martins Sarmiento

PELO DR. ANTÓNIO LOSA
Prof. da Escola Ind. e Comercial de Braga

Convidou-nos o Sr. Coronel Mário Cardozo, Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, a empreender este modesto mas extenuante trabalho, para o dar à publicidade na «Revista de Guimarães».

Hesitamos em aceder ao pedido, pois não só era a primeira vez que tocávamos em problemas de numismática árabe, mas também julgávamos de todo impossível levar a cabo tarefa desta natureza vivendo em Braga, cidade que dispõe de uma das melhores bibliotecas do País, mas onde não existe, que saibamos, qualquer tratado da referida especialidade.

É que se o estudo da língua árabe, como aliás o de qualquer idioma semítico, já se reveste de grande dificuldade por não fazer uso das vogais na escrita, o da numismática torna-se muito mais laborioso, em virtude de se suprirem os sinais diacríticos, único meio de distinguir uma grande parte dos caracteres. Só a experiência e trabalho muito aturado podem vencer as dificuldades daí resultantes.

À falta de outros elementos de consulta, iniciámos o nosso trabalho utilizando os estudos feitos por David Lopes e por F. V. Vargas, n-O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS, respectivamente nos volumes I e XII. E o bom amigo Francisco José Velozo, muito

amavelmente, pôs à nossa disposição alguns dos belos livros que guarnecem a sua rica biblioteca, entre os quais figura a HISTÓRIA DE ESPAÑA, de Menendez Pidal, a qual reproduz um grande número das gravuras do TRATADO DE NUMISMÁTICA de Codera. A indicação, sob cada uma dessas gravuras, da data da moeda representada constituiu o ponto de partida para uma primeira leitura da colecção de numismas de que fomos, durante meses, depositário.

Terminado este esboço do estudo que agora sai a público, demos conta dele, por escrito, à Sociedade Martins Sarmiento, pedindo, no entanto, que ele não fosse utilizado para ser publicado ou para se proceder à catalogação e exposição das moedas em estudo. Depois de conferirmos os resultados a que chegáramos pela consulta da bibliografia da especialidade—o que só em Lisboa se poderia fazer—então consentiríamos que eles fossem tornados públicos.

Estavam as coisas neste ponto, quando o competente Director do Museu Regional de Castelo Branco e distinto Numismata, Senhor Tenente-Coronel António Elias Garcia, a quem transmitimos aqui o nosso agradecimento muito sincero, se dignou, por intermédio do Sr. Coronel Mário Cardozo, facultar-nos a leitura dos melhores livros que até hoje se publicaram sobre o assunto, como sejam os de Codera, de Vives, de Rivero e de Figanier. Pudemos assim rever as conclusões a que tínhamos sido conduzidos, corrigindo o que de correcção carecia, aclarando muitas das numerosas dificuldades que subsistiam.

O presente estudo vai acompanhado das reproduções das duas faces de cada uma das moedas, realizadas segundo fotografias dos serviços da Sociedade Martins Sarmiento. Os leigos poderão assim ficar com uma ideia, embora incompleta, do sistema monetário árabe. Os eruditos e especialistas na matéria terão ensejo de verificar até que ponto acertamos e—o que muito agradeceremos—de nos indicar as correcções que porventura devam ser feitas.

I — Introdução

Entre todas as ciências subsidiárias da História, a Numismática não é, por certo, a menos importante.

Com efeito, se um machado de pedra ou de bronze, uma ponta de lança, uma tégula, uma fibula ou uma ânfora podem dar-nos a indicação aproximada da época em que ocorreu determinado fenómeno da história da humanidade, uma moeda situa-o no tempo do chefe cuja effigie ostenta na face, ou cujo nome nela foi gravado para sua honra e memória. Se é datada, sabe-se o ano exacto em que se fabricou.

Os povos islâmicos, ontem como hoje, são eminentemente religiosos. Nem admira, pois difficil será encontrar uma religião mais acessível, mais terra-a-terra. Enquanto que o cristão é norteadado pela suprema esperança de que, cumprida a lei divina, terá um dia a dita inefável de contemplar Deus face a face, o oriental crê, porque o Alcorão assim o preceitua, que ao fim e ao cabo, fruirá o seu paraíso, um jardim de delícias, onde haverá viçosos vergeis, de cascatas rumorejantes.

Se para todo o homem há uma interdependência entre o material e o espiritual, pois um é suporte do outro, enquanto lhe dura a peregrinação terrena; se um Gama vence o Adamastor brandindo a espada e alçando a Cruz; se o nauta descobre mundos ardendo em chamas de verdadeiro, sincero amor de Deus, ao mesmo tempo que enebriado pelo aroma da especiaria sonhada; numa palavra, se em todas as manifestações de ser dotado de espírito, que possui e dá Cristo, e de matéria, que necessita do indispensável à sua subsistência, se manifesta, em proporções variáveis, a associação do que é do Céu e do que à terra pertence — num oriental a união dessas duas ordens de valores é muito mais pronunciada. Tudo se faz «em nome de Alá» e para honra e louvor de Alá.

A prova do que afirmamos encontra-se nas duas faces dum numisma, todo ele coberto de textos sagrados, extraídos da bíblia maometana. Vis instrumentos de troca das coisas necessárias à vida,

as moedas orientais são, depois que o Profeta destruiu os ídolos, uma síntese do catecismo da fé muçulmana. Chega a parecer impossível como num círculo minúsculo de ouro, ou de outro metal menos nobre, cabe tanta literatura sacra.

Todos nós, ocidentais, estamos habituados a ver reproduzidas nas moedas correntes as figuras de vultos importantes, acompanhadas de outras representações. O Alcorão proíbe — recordação penosa dos ídolos que abateu — toda e qualquer figura que não sejam caracteres da escrita, nos quais a fé se expressa. A razão disso podemos vê-la nos versos dum grande poeta árabe dos nossos dias, ao narrar-nos, em deliciosa história, verdadeiro conto das «Mil e uma noites», as recordações da sua escrava Zumbul que, como as criadas que nos embalaram, lhe doirou a meninice com fábulas de encantar. Contava a velhinha — ou o poeta por ela — que houvera na família um jovem, imagem do filho pródigo, que resolveu correr mundo. «Regressou um dia, velho como um avô, casado com uma cristã, que quase o arruinara. Era ela generosa e bela como uma candeia e os seus lábios, quando falava, assemelhavam-se a pétalas embaladas pela brisa do estio». A linda cristã, que escandalizara a boa escrava, deixou-lhe, no entanto, ao desaparecer, — «porque Deus a quis» — «o perfume da voz e o verde do olhar». Mahmud — assim se chamava o filho desnaturado — levou-a para o harém, onde, com grande escândalo das outras jovens, introduziu um pintor italiano, que buscou, criminosamente, reproduzir-lhe na tela a formosura com que o céu a dotara. Não se resiste porém à tentação de transcrever, na própria língua em que foram escritos, alguns dos versos que constituem este verdadeiro conto de fadas, e que nos dão a explicação do assunto que estávamos a tratar — o da proibição das figuras. Oicamo-lo:

*«Nous savons tous, par le Koran, que Dieu
défend les images; que nul a le droit
d'essayer de faire comme lui,
puisque nul de nous ne peut, fut-il puissant
comme un mage,*

insuffler dans un corps inerte un peu de vie.

*Comme si le peintre avait dérobé
toute la fraîcheur
de la femme de Mahmoud
pour la déposer
sur sa toile,
la pauvre enfant
est morte quand le tableau fut terminé.
La pauvre enfant est morte
de faiblesse
un jour.*

*Voilà pourquoi, depuis, Mahmoud Rassim, ton
oncle,
l'homme au coeur «mécanique» qui riait des
mosquées,
a porté comme relique,
dans le fond de sa poche,
un Koran minuscule
et un petit chapelet» (1)*

A história foi contada, em Alexandria, em 1932. De quantos contos destes — em que o rosário e o Alcorão se encontram no fundo do mesmo bolso — não terão sido testemunhas os diremes do século ix guardados tão ciosamente no Museu de Martins Sarmiento?

*

António Vives, no seu monumental trabalho MONEDAS DE LAS DINASTIAS ARÁBIGO-ESPAÑOLAS, seguindo a divisão de Codera, embora lhe introdu-

(1) Ahmed Rassim, *Le Livre de Zoumboul*, in PAGES CHOISIES, tome I, p. 72-3, Cairo, 1954.

Veja-se o estudo por nós publicado na revista 4 VENTOS, (n.os 4-6) e transcrito integralmente no jornal do Cairo L'EGYPTE NOUVELLE, de 27 de Janeiro de 1956.

zisse modificações, estabeleceu 10 períodos para a história da moeda árabe peninsular. Ei-los:

1. ^a secção	92-102	(da Hégira)	Moedas primitivas ¹
2. ^a	>	102-316	> > Emirado
3. ^a	>	316-417	> > Califado
4. ^a	>	415-508	> > Taifas (1)
5. ^a	>	386-541	> > Almorávides
6. ^a	>	539-567	> > Taifas almorávides
7. ^a	>	524-667	> > Almóadas
8. ^a	>	? - ?	> > Taifas almóadas
9. ^a	>	620-656	> > Reis de Múrcia
10. ^a	>	629-897	> > Reis de Granada

O primeiro grupo compreende moedas só em latim ou bilingues, datadas ou não, de ouro, de prata ou de cobre. Parte delas são de muito difícil leitura e aguardam ainda uma interpretação cabal.

A segunda secção abrange moedas cunhadas inteiramente em árabe, feitas à imagem das do Oriente. Dado que o Alcorão proibia expressamente a representação da figura humana, as moedas árabes apresentam as duas faces quase literalmente cobertas de legendas, de carácter estritamente religioso. São três as espécies de moedas circulantes nesta época: de ouro ou *dinares*; de prata ou *dirames* e de cobre ou *felces* (2). Estão incluídas nesta secção todas as moedas árabes que constituem a colecção do Gabinete de Numismática da Sociedade Martins Sarmento.

Os numismas da terceira secção, que começam a ser cunhados no reinado de Abderramão III, alteram-se sensivelmente. Enquanto que os da época anterior não têm assinatura nenhuma, ou, quando muito, apresentam uma simples marca — um ponto,

(1) Assim se costuma chamar aos pequenos estados independentes em que se fragmentou o califado de Córdova.

(2) A forma que empregamos aqui é a usada pelo Sr. Dr. Fignier. Os espanhóis chamam-lhes *feluses*.

uma semi-circunferência, uma estrela, uma letra ou a palavra *Ma^cad*, que não se sabe bem o que seja, estes passam a registar os nomes dos príncipes reinantes.

A situação da moeda compreendida na quarta secção espelha o estado de coisas vigorantes no Andaluz à data em que foram cunhadas. A Península encontrava-se então retalhada em pequenos estados independentes, ou *taifas*, digladiando-se uns aos outros. Há variadas espécies de numismas desta época.

A invasão almorávide trouxe uma revolução completa ao sistema, sobretudo no que se refere às moedas de prata, que agora se chamam *quirates*, fragmentadas em: 1/2, 1/4, 1/8, 1/16.

Depois das inevitáveis modificações que a queda do império almorávide trouxe à numismática, os almóadas introduziram nela a maior e mais completa revolução, sob todos os pontos de vista: na forma, que em vez de redonda passa a ser quadrada, ou, pelo menos, ostentando um quadrado no campo; no peso; nas legendas, etc. Os *dinares* cederam o lugar às *dobras*, de nome não árabe. Para tormento dos historiadores, é a partir desta época que as moedas deixam de ser datadas, contentando-se apenas com o nome do chefe reinante.

As moedas relativas às três últimas secções apresentadas por Vives (e que em Codera compreendiam uma só), são de inspiração almóada, embora apresentem algumas características novas. Continuam a não ser datadas, fornecendo como único elemento de identificação o nome do príncipe governante, nem sempre conhecido dos historiadores medievais. Algumas indicam a terra em que foram cunhadas.

*

Apresentada, a traços larguíssimos, esta resenha histórica, vejamos o que há a dizer sobre o que vai pela nossa «casa lusitana».

Não há, que eu saiba, um catálogo das moedas hispano-árabes existentes em Portugal. Há-os, sim,

mas parcelares, como acontece para o Museu Municipal do Porto e para o Museu Numismático Português. Este último confiou essa tarefa ao saber e indesmentida competência do Sr. Dr. Joaquim Figanier, de quem me honro de ter sido aluno. Bom seria que os particulares sujeitassem a estudo as suas colecções. Não ousamos pedir que, muito patrioticamente, as confiem aos museus nacionais, como seria para desejar.

Já fiz referência ao trabalho de David Lopes, publicado no I Vol. do ARQUEÓLOGO, p. 97, em que o douto arabista procedeu à leitura de 18 moedas encontradas no Algarve e que pertenciam ao Sr. Francisco Silvestre de Sousa Rocha, de Castro Marim. Eram todas do século III da Hégira. Onde pára hoje essa colecção?

Do mesmo século são as estudadas por Vargas, que eram propriedade sua e em número de 27. No final do seu benemérito trabalho, este autor referia, lamentando-o, o caso da colecção, pelo visto riquíssima, pertencente a Júdice dos Santos, que, leiloada em Amsterdão, foi parar a mãos de estrangeiros.

Não me foi possível ver a colecção da Câmara Municipal do Porto, que em 1882 foi lida e publicada por Leite Neto, segundo refere F. V. Vargas no artigo a que nos referimos acima. Intitula-se a obra de Leite Neto: CATÁLOGO DAS MOEDAS EXISTENTES NO MUSEU MUNICIPAL PORTUENSE, *descritas, classificadas e ordenadas chronològicamente*.

O estudo mais completo que em Portugal se publicou é, porém, o do Sr. Professor Figanier, intitulado MOEDAS ÁRABES, *Inventário e Descrição*, editado em 1949 pelo Museu Numismático Português, que funciona na Casa da Moeda, em Lisboa. Aí se estudam pormenorizadamente nada menos de 339 moedas, que vão desde o ano 95 da H. (713 J. C.) até ao desaparecimento do reino de Granada. Dessas numismas, nada menos de 280 faziam parte da Colecção Real da Ajuda.

A Sociedade Martins Sarmiento possui, como vamos ver, 28 moedas de prata — precisamente as que constituem a principal matéria deste trabalho —

e uma de ouro, a qual figura em primeiro lugar. Este numisma não foi lido por nós, mas sim por mestre David Lopes. Para que a colecção apparecesse completa, quis a Sociedade que ele figurasse aqui também.

*

Julgamos útil fazer acompanhar o nosso trabalho duma nota muito breve sobre a cronologia muçulmana.

Como se sabe, os povos muçulmanos contam o tempo não pelo calendário cristão, que estabeleceu anos de 365 ou 366 dias, e meses de 30 e de 31, tomando a vinda de Cristo como limite inicial, mas sim a partir de 622, data da fuga do Profeta. Os meses são lunares, o que torna o ano mais curto que o nosso cerca de 11 dias.

Vários são os processos de conversão da era muçulmana na cristã. Um dos que reputo mais simples é o que usa a fórmula seguinte (1):

$$J. C. = H + 622 - \frac{3 \times H}{100}$$

J. C. representa a data da era cristã que se deseja achar.

H. representa a data da era muçulmana dada.

II—As moedas

Sendo a colecção do Museu de «Martins Sarmento» constituída por vinte e oito moedas de prata do mesmo tipo, *dirames*, portanto com as mesmas legendas, dispensamo-nos de repetir estas para todas. De cada numisma, pois, com excepção do primeiro, o *dinar*, e do direme que tem o n.º 2 nesta relação, damos apenas a data e aludimos aos sinais particulares que porventura neles figurem, bem como

(1) Extraída da obra citada de Rivero, LA MONEDA ARÁBIGO-ESPAÑOLA, p. 90.

apresentamos uma ou outra consideração relativa ao seu estado de conservação. Como há datas repetidas, embora as cunhagens sejam, segundo nos pareceu, todas diferentes, indicam-se os números que lhes correspondem na classificação magistral da obra citada de António Vives.

N.º 1

Data: 102 H. (721 J. C.)

— Estamos perante um *dinar* de grandíssimo valor histórico, pela sua antiguidade. Foi cunhado dez anos após a invasão sarracena. Pertence ao pequeno número de moedas exclusivamente árabes que se conservam daquele ano, as quais constituem as primeiras que se conhecem no género—cunhadas totalmente em árabe. Como já se afirmou na introdução a este trabalho, as moedas cunhadas pelos árabes, anteriormente ao ano 102 da H., ou tinham legendas em latim ou eram bilingues. O *dinar* é tanto mais valioso quanto é certo ter sido encontrado numa povoação do concelho de Guimarães.

Referiu-se já que a sua leitura se deve ao eminente arabista David Lopes. Ocuparam-se dele os Srs. Coronel Mário Cardozo, na REVISTA DE GUIMARÃES, Vol. XLIX, pág. 191, que lhe publicou a fotografia, e Dr. Luís de Pina, que no Vol. XXXVIII, pág. 63 e 210, ao estudar a estação arqueológica de S. João da Ponte, conhecida por *Fornos da Ribeira*, próximo da qual o numisma foi encontrado, tornou pública a leitura que dele havia feito o Professor David Lopes. Fez doação dele à Sociedade Martins Sarmento a falecida Senhora D. Luísa Cardoso de Meneses (Margaride), numa propriedade da qual, denominada Quinta da Ribeira, foi achado.

Transcrevemos do importante artigo do Sr. Prof. Dr. Luís de Pina o que segue:
 «De todas as lendas que o povo do lugar nos conta sobre os *Mouros*, algum fundo haverá de verdade. Segundo a leitura e indicações do erudito arabista Prof. David Lopes, a quem me confesso infinitamente agradecido, a moeda encontrada a alguns metros do forno, e de que já recebi o desenho, é um *dinar* do princípio da dominação árabe, sendo Abderramão governador. Data do ano de 102, ou 721 de J. C., época dos governadores dependentes dos califas de Damasco. Fica desta forma possuindo a Sociedade Martins Sarmento uma das mais raras moedas árabes, conforme autorizada opinião do sábio professor. Os dizeres do numisma rezam assim:

ANVERSO

Campo: لا اله الا الله
 لا اله الا الله
 وحده
 « Não há mais do que um só Deus.»

Orla: محمد رسول الله ارسله بالهدى ودين الحق
 «Mohamede é o Enviado de Deus. Enviou-o com a boa direcção e a religião da verdade». (É o princípio da missão do Profeta).

REVERSO

Campo: بسم الله الرحمن الرحيم
 الرحمن الرحيم
 «Em nome de Deus misericordioso e clemente.»

Orla: ضرب هذا الدينير بالاندلس سنة ثنتين وستة
 «Foi cunhado este dinar no Andaluz no ano de 102 (721 de J. C.).»

E o ilustre cientista comentava:

«A presença desta moeda de ouro naquela localidade permite imaginar a passagem por ali da avalanche sarracena, devastando, quem sabe, o povoado invadido . . .»

Acrescente-se, por fim, que no Museu Numismático Português existe igualmente um exemplar do mesmo ano, e, também, em óptimo estado de conservação, como se pode ver da fotografia que dele publicou o Sr. Professor Figanier, em MOEDAS ARABES, p. 85.

N.º 2

Data: 118 (?) H. (736 J. C.)

ANVERSO

Campo: لا اله الا الله وحده لا شريك له
«Não há Deus senão Alá, único e sem companheiro.»

Orla:

بسم الله ضرب هذا الدرهم بالاندلس سنة [...]»
«Em nome de Deus. Foi cunhado este direme no Andaluz no ano de [...]»

REVERSO

Campo: الله احد الله الصمد لم يلدو لم يولد ولم يكن له كفوا احد
«Deus é um só e eterno; não gerou nem foi gerado, nem tem semelhante algum.»

Orla:

محمد رسول الله ارسله بالهدى ودين الحق ليظهره على الدين كله ولو كره المشركون

«Maomé é o enviado de Deus; enviou-o com a boa direcção e a religião da ver-

dade, para a fazer prevalecer entre as outras, embora os politeístas a detestem».

— A não ser que a última letra da centena, de que se não lobrigam vestígios, se haja apagado, esta é a única moeda da colecção relativa ao século II da H. Na orla do anverso, por fora da legenda, nota-se um ornato semelhante a um ramo de planta, que não vimos ainda em qualquer das moedas ou desenhos observados.

N.º 3

Data: 200 (?) H. (815 J. C.)

— Parece-nos tratar-se realmente desta data. No entanto, Vives apresentou só dois tipos de diremes do ano 200, ambos eles com marcas na base do anverso: um ponto ou uma espécie de âncora deitada, com um braço apenas. Ora este numisma, que tem o campo do anverso perfeitamente conservado, não apresenta nenhum desses sinais. Estaremos perante modelo ignorado daquele sábio? É pergunta a que não sabemos responder.

N.º 4

Data: 201 H. (816 J. C.)

— Embora a cunhagem seja um pouco grosseira, a data não suscita qualquer dúvida. A presença, por sobre a terceira linha, do campo do anverso duma semi-circunferência aproxima este numisma do registado por Vives com o N.º 111.

N.º 5

Data: 206 H. (821 J. C.)

— A cunhagem é bastante grosseira. O nome das unidades está pouco nítido

no começo. Parece, no entanto, tratar-se da data que indicamos. Julgamos poder incluir-se no N.º 120 da classificação de Vives.

N.º 6

Data: 210 H. (825 J. C.)

— Tem as legendas do anverso muito legíveis, inclusive a data. A terminação do número das dezenas fá-la pertencer ao tipo N.º 129 de Vives.

N.º 7

Data: 217 ou 219 da H. (832 ou 834 J. C.)

— Cunhagem muito imperfeita. Impossível saber ao certo qual dos dois números semelhantes é o verdadeiro.

N.º 8

Data: 226 H. (840 J. C.)

— Data perfeitamente legível. Nota-se, por sobre a terceira linha do anverso, a presença da sexta letra do alfabeto árabe ⁽¹⁾, que serviu de marca a vários tipos de diremes, e pela qual este se inclui no que em Vives tem o N.º 179.

N.º 9

Data: 227 H. (841 J. C.)

— Tanto a data como os mais dizeres, excepto nas orlas, são perfeitissimamente legíveis. O número das unidades presta-se

(1) Vide *A transliteração dos nomes árabes*, pelo Dr. Francisco José Velozo, separata do vol. LXV (N.os 3-4) da REVISTA DE GUIMARÃES.

porém a confusão—saber se se trata dum sete ou dum nove. Inclina-mo-nos para o primeiro. É o exemplar mais belo de toda a colecção, pelo traçado das letras (em que se vê perfeitamente o gosto pelo redondo, pela circunferência) como pela cunhagem. Não encontrei, na bibliografia consultada, fotografia ou desenho de numisma que lhe seja semelhante. Dada a circunferenciuzinha que apresenta na base do campo do anverso, julgo poder aproximar-se do número 181 de Vives.

N.º 10

Data: 229 (?) H. (843 J. C.)

—A dúvida, na interpretação da data, reside no nome das unidades, pois não se distingue bem se é um sete ou um nove, parecendo-nos mais provável o segundo. Por apresentar uma semi-circunferência sobre a terceira linha do anverso central, aproximamo-lo do N.º 186.

N.º 11

Data: 230 H. (844 J. C.)

—É, depois do N.º 9, o que apresenta desenho mais perfeito. A data é bem legível. Atente-se na figura que se encontra sob a legenda do anverso, a qual a situa no N.º 196 de António Vives.

N.º 12

Data: 236 H. (850 J. C.)

—Tem a data nitidíssima. Está muito bem cunhado, sendo pena que, como aliás acontece com as restantes moedas da colecção presente, tenha a orla corroída. Considere-se pertencente ao tipo de Vives que figura com o número 210.

N.º 13

Data: 236 (?) (850 J. C.)

—Data de leitura difícil para as dezenas e, sobretudo, para as unidades. Vives, N.º 210.

N.º 14

Data: 237 H. (851 J. C.)

—Data perfeitamente legível. A existência, sobre a terceira linha da legenda do campo do anverso, de uma estrela leva-nos a supor este direme pertencente ao tipo N.º 214.

N.º 15

Data: 237 (?) H. (851 J. C.)

—A data é de difícil leitura, tanto no que se refere às dezenas como às unidades. Parece-nos ser a que propomos. Vives, N.º 212.

N.º 16

Data: 237 (?) H. (851 J. C.)

—Difícil é saber de que dezena se trata. Opino pelo número trinta. Sendo assim, e atendendo a que há, sob a legenda do anverso, um ponto, deve-se situar no N.º 213.

N.º 17

Data: 239 (?) H. (853 J. C.)

—A dúvida reside, mais uma vez, nas unidades: saber se se trata de sete ou de nove. Optamos pelo segundo. No entanto, há dificuldade em estabelecer correspon-

dência entre este direme e qualquer tipo dos descritos por Vives. Este autor apresenta um, sem qualquer marca especial no anverso. Acontece, porém, que nesse o nome da unidade é *mitin* e não *ma'itin*, contrariamente ao que sucede com o que temos presente.

N.º 18

Data: 240 H. (854 J. C.)

—No anverso, sob a legenda central, encontra-se, embora meio apagada, a mesma assinatura que figura na moeda N.º 19. Atente-se sobretudo na nitidez do nome da dezena. Vives, N.º 233.

N.º 19

Data: 241 H. (855 J. C.)

—A data é bem legível. Repare-se no nome *Ma^cad* que figura sob a legenda do campo do anverso e que constitui a marca de parte das moedas dos anos 240 a 244. Corresponde perfeitamente ao tipo apresentado por Vives sob o N.º 240.

N.º 20

Data: 266 H. (879 J. C.)

—Embora se não apresente muito nítida, julgo não poder ter outra leitura. Inclua-se no tipo N.º 299.

N.º 21

Data: 268 H. (881 J. C.)

—É uma das últimas datas assinaladas para os diremes do século III da H., os quais vão até 272 no tratado de Vives e até 275 segundo Codera. A partir desta

data há um eclipse deste género de moedas que só é interrompido cerca de 316, altura em que Abderramão III inicia uma verdadeira revolução no sistema monetário. Inclua-se no N.º 305.

N.º 22

Data: 22 . (?)

— Impossível saber ao certo de que número se trata nas unidades. Afigura-se-nos que é um seis.

N.º 23

Data: 23 . (?)

— É das moedas mais gastas e, por conseguinte, mais difíceis de ler. Felizmente, os números das centenas e das dezenas distinguem-se.

N.º 24

Data: 23 . (?)

— A orla está muito carcomida. Em virtude disso, só se distinguem as letras pela parte inferior dos seus arabescos. O número das centenas vê-se claramente que é duzentos. O das dezenas pareceu-nos ser o que apontámos. O das unidades é que é totalmente impossível interpretá-lo.

N.º 25

Data: 24 . (?)

— Nesta moeda, bastante gasta ou martelada na orla, é impossível saber-se ao certo qual o número das unidades.

N.º 26

Data: 2 . 7 (?)

— É imperceptível o número das dezenas.

N.º 27

Data: 2 . 9 (?)

— Impossível averiguar-se qual o número das dezenas; talvez um seis, talvez um três.

N.º 28

Data: 2 . . H.

— Só é possível ler com segurança o nome da centena. O das dezenas afigura-se-nos ser trinta. Do das unidades distingue-se apenas a terminação, que nada nos pode dizer.

N.º 29

Data: (?)

— Tem a data completamente gasta. Sobre a terceira linha da legenda central do averso, vê-se um sinal que se nos afigura ser idêntico ao que vimos no direme N.º 8. O mesmo sinal se encontra no reverso. Quer de um, quer do outro lado, está deficientemente gravado. Deve ser também do século III da era muçulmana.

III — Conclusão

Do exposto conclui-se que a Sociedade Martins Sarmento é possuidora duma valiosa colecção de numismas, constituída por vinte e oito diremes, muitos deles com a data perfeitamente legível, pertencentes ao século III da Hégira, ou seja o IX da era de Cristo. Entre eles figura um, pelo menos, que talvez se possa considerar do século anterior.

Além destas moedas de prata, dispõe dum dinar de incalculável valor, pois remonta aos primórdios da dominação islâmica da Península.

Os vinte e oito diremes, foram encontrados nos arredores de Nisa, e em seguida vendidos pelo achador ao ourives estabelecido em Estremoz, João Eduardo Alves Lemos, já falecido e natural de Guimarães, que, em 1953, teve o gesto benemérito de entregar este valioso tesouro ao Museu da sua terra natal.

Estamos em presença de dinheiro cunhado no Andaluz, há cerca de onze séculos. O dinar, foi, como dissemos, exumado da terra do aro vimaranense. Que os historiadores levem o facto em conta, ao ocuparem-se da dominação sarracena Aquém-Douro, e dele tirem as conclusões a que pode conduzir.

Braga, Abril de 1956.

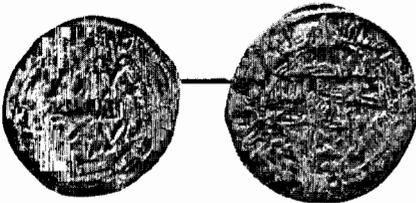
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Codera — TRATADO DE NUMISMÁTICA ARÁBIGO-ESPAÑOLA, Madrid, 1879.
- Vives y Escudero — MONEDAS DE LAS DINASTIAS ARÁBIGO-ESPAÑOLAS, Madrid, 1893.
- Castro M. del Rivero — LA MONEDA ARÁBIGO-ESPAÑOLA, Madrid, 1933.
- Figaniér — MOEDAS ÁRABES, 1.^a parte, Lisboa, 1949.
- O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS — Vols. I e XII.
- REVISTA DE GUIMARÃES — Vols. XXXVIII e XLIX.
- Menendez Pidal — HISTORIA DE ESPAÑA, Vol., IV Madrid, 1950.
- Francisco José Velozo — *A Transliteração dos Nomes Árabes* Separata do Vol. LXV (N.os 3-4) da REVISTA DE GUIMARÃES. Guimarães, 1955.

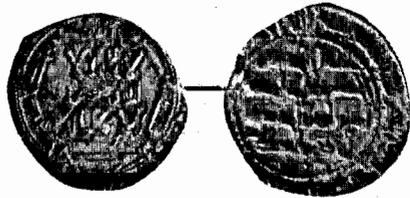
Est. I



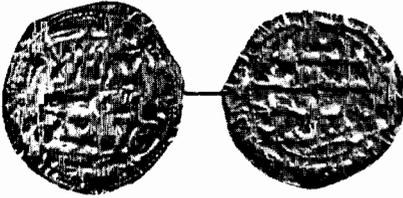
1



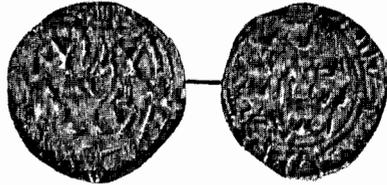
2



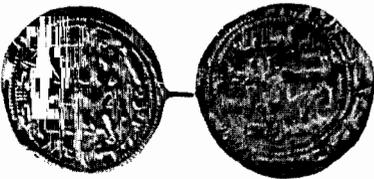
3



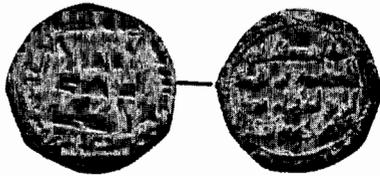
4



5

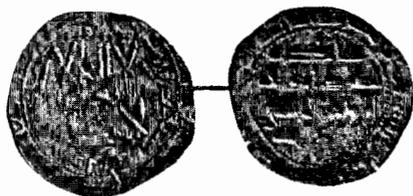


6

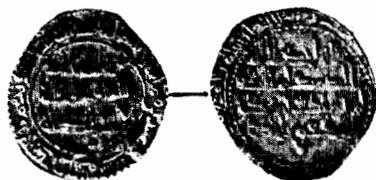


7

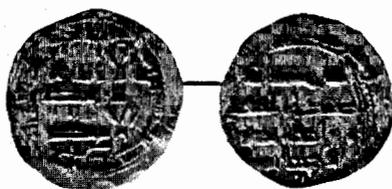
Est. II



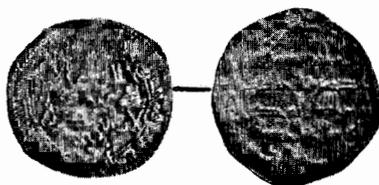
8



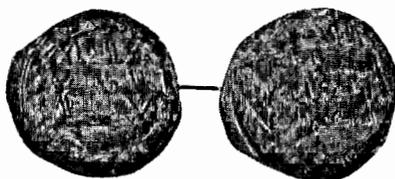
9



10



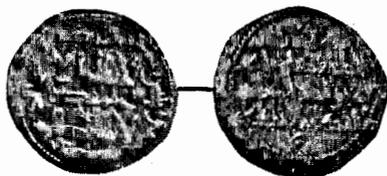
11



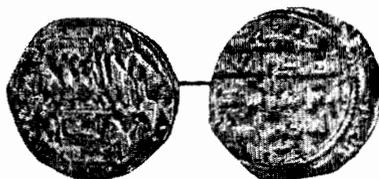
12



13

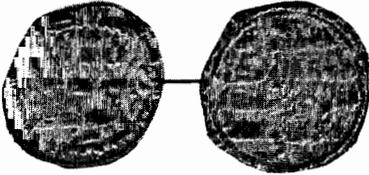


14

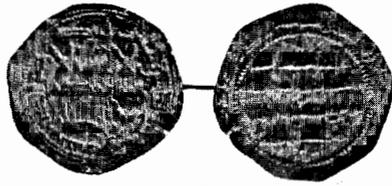


15

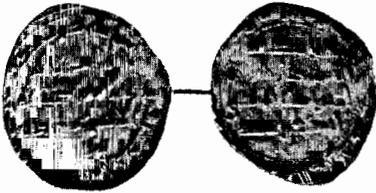
Est. III



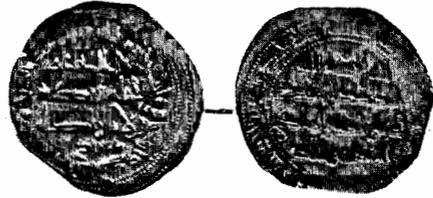
16



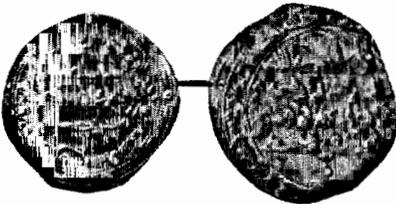
17



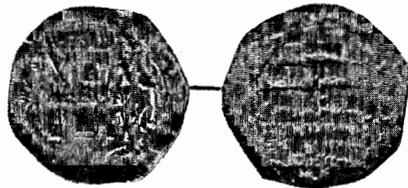
18



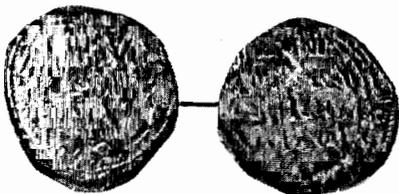
19



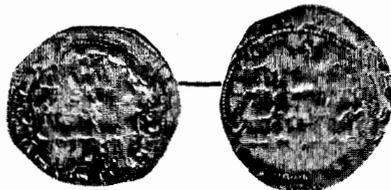
20



21

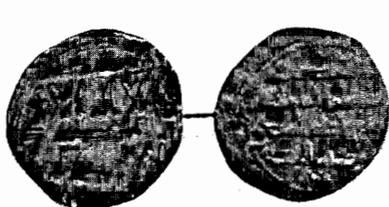


22

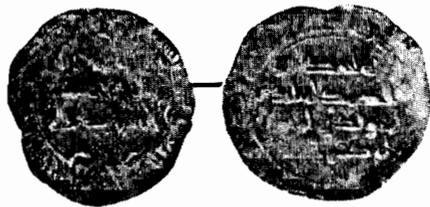


23

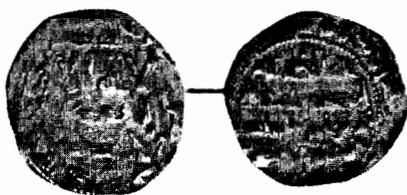
EST. IV



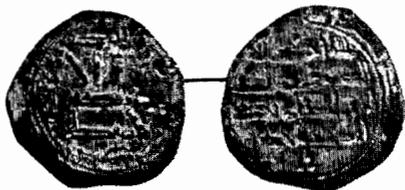
24



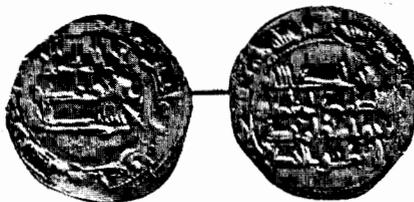
25



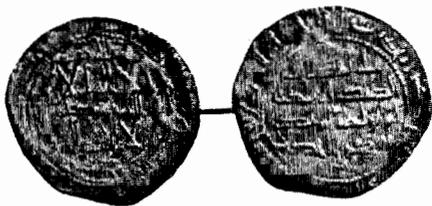
26



27



28



29